

# Conhecer para Além do Conhecer

*O Âmago da Tradição Hermética*

Peter Kingsley

(Publicado em Parabola, Primavera de 1997)

No centro da tradição Hermética reside a necessidade de um determinado tipo de conhecimento: *gnose*, ou conhecimento do divino. Isto é algo inteiramente diferente dos tipos formais de conhecimento, que nos separam e distanciam do que julgamos que sabemos. Contudo segundo os ensinamentos Herméticos, este conhecimento não é um “bónus” ou um extra em que possamos concentrar a nossa mente se quisermos. Longe disso: sem esse conhecimento específico não somos homens e mulheres no verdadeiro sentido. Este conhecimento tem a ver com o núcleo da nossa existência, e é essa a razão por que é tão intensamente íntimo. Também é essa a razão por que o processo de o descobrir é tão intensamente perturbador, porque nos força a confrontar o núcleo silencioso do nosso ser. Este conhecimento jamais pode ser definido em termos de conhecimento formal. Não é possível definir o novo em termos do velho, ou algo tão íntimo da maneira objectiva normal. Ambas as tradições Hermética e Pitagórica confiaram fortemente no ensino através de pistas: não porque quisessem mistificar, mas porque isso é o melhor que pode ser feito. Aqueles que são sérios aprendem a seguir as pistas. Os outros não dão por elas; daí os problemas que surgiram na compreensão destas tradições.

Os ensinamentos Herméticos – ensinamentos atribuídos ao divino profeta Hermes Trismegisto – foram escritos no Egipto por pessoas que falavam grego há cerca de dois mil anos. A erudição ocidental conseguiu pô-los de parte como filosofia de segunda categoria, destituída de verdadeiro valor, cheia de inconsistências e contradições. Mesmo aqueles que são mais solidários constroem grandiosos planos da “doutrina” Hermética – deixando de fora a dimensão humana. De facto os escritos Herméticos são inconsistentes, e contradizem-se. Por vezes o mundo é visto como bom, como imbuído da presença de Deus e prova viva da existência de Deus. Noutras alturas é visto como fundamentalmente imperfeito e defeituoso: como um lugar a recusar e largar em troca de uma existência mais plena, mais autêntica.

Se olharmos mais atentamente vemos que as contradições são significativas. Quando novas pessoas foram pela primeira vez apresentadas a um círculo cujos ensinamentos estavam incorporados nos textos Herméticos, elas foram encorajadas a procurar o divino no mundo a que estavam habituadas. Mas à medida que a sua força interior e experiência cresciam eram chamadas a concentrarem-se na realidade divina em si, e a largar os apegos a um mundo visto, cada vez mais, como imperfeito. Exactamente da mesma maneira, poderiam ser tornados públicos, num determinado período, ensinamentos acerca do universo ou acerca de astrologia que, num período posterior, seriam rejeitados por já não serem relevantes para as necessidades do indivíduo: tais como impedi-lo de progredir, encurralá-lo no amor ao conhecimento pelo conhecimento quando tivesse

chegado a altura de prosseguir – prosseguir para um conhecimento para além daquele que conhecemos.

Este processo é claro nos escritos Herméticos. Há um trecho, por exemplo, onde um aluno recorda ao seu professor a maneira que ele tinha outrora prometido transmitir-lhe o último ensinamento que restava “quando estiveres pronto para te tornares um estranho para o mundo.”<sup>1</sup> O aluno continua para declarar: “Agora estou pronto, porque me tornei um homem fortalecendo-me contra a ilusão do mundo.” As ideias básicas de prontidão e adequação estão aqui – o princípio esotérico de que seja o que for que seja ensinado tem de ser adaptado ao nível de compreensão da pessoa envolvida. E deve recordar-se que, nos antigos mistérios gregos, a transmissão de conhecimento era um estágio muito preliminar: apenas o segundo de cinco níveis, imediatamente a seguir ao estágio inicial de purificação. Era um estágio que se suponha conduzir o mais depressa possível ao terceiro nível – o nível da percepção imediata, onde “nada resta para aprender.”<sup>2</sup>

Existem muitas outras vertentes na questão da contradição. Teoricamente falando poder-se-ia dizer que é a única maneira de chamar a atenção para o divino, que está para além das limitações da lógica e da razão humanas. Mas isso é apenas a teoria. Na prática, a contradição poderia também ser usada para confundir, provocar, e forçar-nos a regressar a nós próprios como preâmbulo a sermos lançados para uma dimensão totalmente nova do conhecimento. Actuava como as adivinhas ou enigmas usados no Pitagorismo antigo como meio de reter a atenção do aluno: ditos específicos dados a um aluno para o forçar a concentrar toda a sua consciência num problema em vez de escutar passivamente. A energia gerada ao trabalhar no enigma transformava o aluno. Este processo era uma iniciação por direito próprio. O custo de encontrar a resposta era pesado: a perda das nossas velhas crenças, a dolorosa agitação e transformação do nosso próprio ser.<sup>3</sup>

A maneira em que funciona este processo na tradição Hermética está claro na passagem já mencionada. A cena começa com o discípulo queixando-se que, nos estádios iniciais do ensinamento, o seu professor nunca tinha dito nada claro acerca da verdade suprema mas tinha apenas falado por enigmas. Agora, insiste ele, é a altura para a grande revelação.

Mas a revelação não vem. Em vez disso, o professor fala mais enigmaticamente que nunca. O discípulo começa a queixar-se ainda mais desesperadamente; mas perante todos os protestos e irritada frustração, o professor repete que “este assunto não se ensina.” Quando o discípulo diz que está tão desorientado que não consegue sequer encontrar-se a ele próprio, o professor laconicamente responde: “Se ao menos esse fosse realmente o caso!” O professor então continua a lançá-lo em tal confusão que o discípulo acaba por declarar: “Agora é que realmente me pôs maluco. Eu pensava que através de si eu me tornaria sábio, mas tudo o que aconteceu é que a minha consciência ficou completamente bloqueada.” É quando o discípulo admite o seu desamparo que o professor explica: Não, percebeste tudo mal. Ao nível dos sentidos, sim, és impotente. Mas o que tens de fazer, diz ele, é atrair a ti o que precisas a partir de uma dimensão totalmente diferente – uma dimensão para além das palavras, e uma dimensão de silêncio absoluto.

---

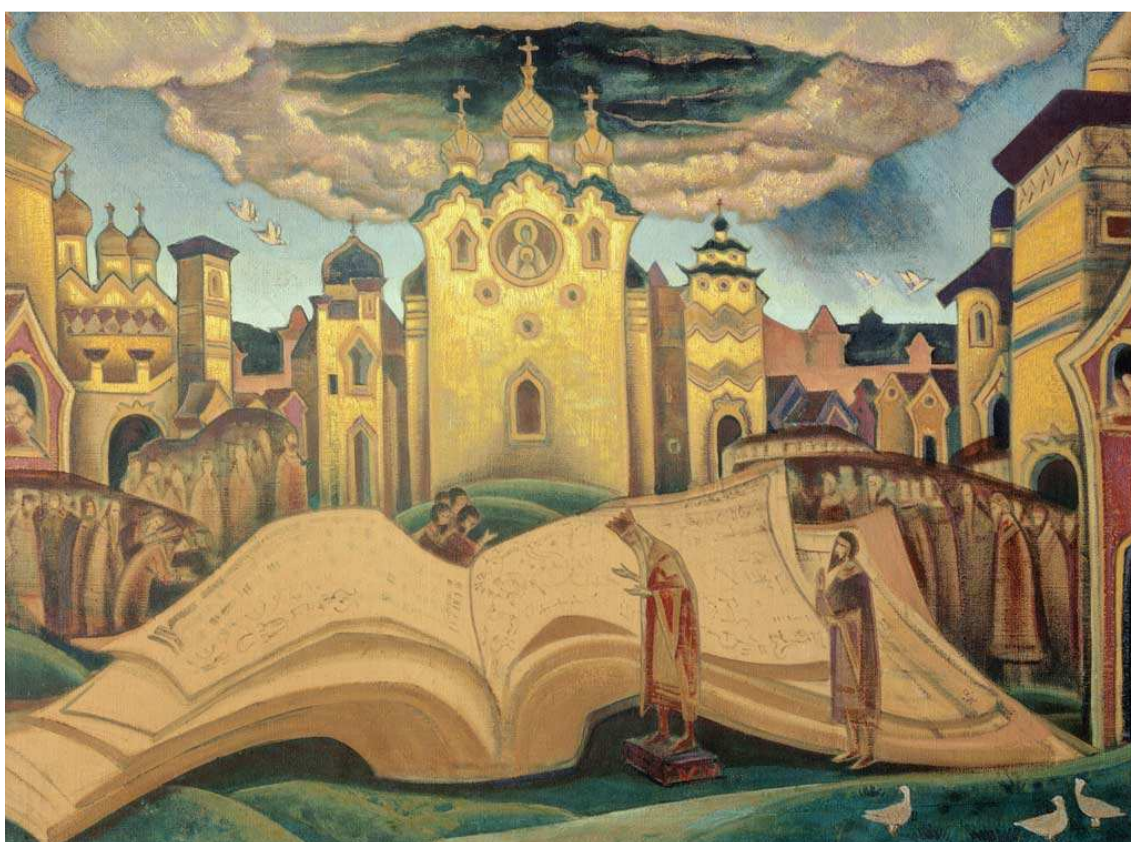
<sup>1</sup> O texto é *Corpus Hermeticum* 13. As traduções são minhas.

<sup>2</sup> Para a citação (de Clement de Alexandria) e documentação completa *Ancient Philosophy, Mystery and Magic* de Peter Kingsley (Oxford: Oxford University Press, 1995, pág. 230-231, 367-368.

<sup>3</sup> Sobre enigmas, pistas e iniciação no antigo Pitagorismo ver *ibid.*, capítulos 4 e 23-24.

O discípulo quer desesperadamente entender: encontrar coerência, compreensão teórica. Mas o seu intelecto está frustrado, abatido, é invocado apenas para ser empurrado para a borda da extinção – até que a compreensão comece a chegar de um nível inteiramente diferente. Esse outro nível é o que o aluno queria o tempo todo. A menos que tenhamos algum desejo disso, ou uma profunda insatisfação com as coisas como elas estão, a dinâmica do processo de ensino vai por certo permanecer completamente estranha.

De um ponto de vista místico, a explicação Hermética da confusão e frustração – e o expressivo pormenor acerca da nossa percepção ficar totalmente “bloqueada” – é perfeitamente correcta. São estádios essenciais na mudança de uma dimensão de consciência para outra. Temos de enfrentar um muro de tijolos antes de podermos passar para além dele. Isto foi referido como a “obstipação espiritual” que inevitavelmente precede um salto à frente na consciência.<sup>4</sup>



O âmago da tradição Hermética era a relação com o professor. O famoso “renascimento” do Hermetismo durante a Renascença italiana era um florescimento dos projectos culturais e ideais inspiradoras, mais do que do seu âmago.

Os textos Herméticos frequentemente dão importantes indicações acerca do processo de ensino: acerca das responsabilidades do professor e das responsabilidades do aluno. As

---

<sup>4</sup> Irina Tweedie, *Daughter of Fire* (Grass Valley, Calif.: Blue Dolphin Press, 1986), pág. 389, 457; o contexto aqui é o do Sufismo Persa e Indiano. Para ligações directas entre a tradição Hermética e o Sufismo ver Kingsley, pág. 371-391.

indicações mostram que a relação com o professor era muito diferente da relação com uma qualquer figura de autoridade omnisciente.

Um destes textos só foi encontrado durante os anos de 1940 no sul do Egipto, entre textos Gnósticos descobertos perto de Nag Hammadi.<sup>5</sup> É muito preciso.

Meu filho, compete-te a ti compreender; é a minha função ser bem-sucedido ao proferir as palavras que brotam da fonte que flui dentro de mim.

Por outras palavras, não é só uma questão de o discípulo compreender a verdade do que lhe dizem. O professor também precisa de captar algo, e continuar a captar. Ele não tem um conhecimento fixo, mas precisa de o descobrir de modo novo a cada momento. A função do discípulo é aprender a partilhar este processo, desenvolver a mesma consciência. Conforme explica outro texto Hermético:

Meu filho, aquele que escuta deve perceber o mesmo que aquele que fala, partilhar da sua consciência; deve respirar em conjunto com ele, partilhar o mesmo espírito; a sua audição deve ser mais aguda do que a voz daquele que fala.



Cada instrução aqui é em si um ensinamento completo. A ideia de “respirar em conjunto” com o professor (*sympneein*) reaparece na mesma forma no Sufismo Persa, onde a intimidade da relação entre professor e discípulo é descrita como “sendo do mesmo

---

<sup>5</sup> Os textos Herméticos citados neste capítulo final são: *Nag Hammadi Codices* vi.55.19-22; *Corpus Hermeticum* 10.17; *Asclepius* 3; *Corpus Hermeticum* 13.3.

fôlego” (*ham-dam*). A coincidência não é nenhuma surpresa: podemos seguir a pista dos caminhos pelos quais passou a tradição Hermética através do mundo Islâmico até ao Sufismo Persa.<sup>6</sup>

Depois há outra declaração, feita próximo do início do texto Hermético conhecido como o *Asclepius*. Dá a chave para compreender não apenas o que o conhecimento foi para os escritores dos textos Herméticos, mas também como esses próprios textos foram constituídos.

Agora sê completamente presente, dá-me toda a tua atenção, com toda a compreensão de que fores capaz, com toda a subtileza que consigas reunir. Porque o ensinamento acerca da divindade requer uma divina concentração de consciência para ser compreendido. É exactamente como um rio caudaloso, precipitando-se impetuoso para baixo a partir das alturas tão violentamente que com a sua rapidez e velocidade ultrapassa a atenção não só de quem quer que seja que escuta mas também de quem quer que seja que fala.

O conhecimento move-se tão depressa que temos de ser tão rápidos quanto ele para o acompanhar. Não há um permanecer ali. Temos de continuar a mover-nos, deixando o que sabíamos para trás; caso contrário ele restringe-nos. A verdade flui tão rapidamente que qualquer coisa que pensamos que sabemos não é a verdade, porque o conhecer é demasiado lento. E isso aplica-se especialmente ao professor.

O verdadeiro conhecimento requer um estado alerta tremendamente subtil. Temos de estar equilibrados e vazios, a ouvir e a observar. Ele continua a correr. É invisível, não porque está “em qualquer outra parte”, como fomos levados a acreditar, mas porque o seu rápido fluxo é o que efectivamente cria tudo o que vemos. A única maneira de conseguirmos percebê-lo é através de uma concentração total, através de estar “completamente presentes” como o texto exige. E mesmo então não é para nós. Está a fluir, sempre em movimento – como a própria tradição Hermética.

A imagem da torrente violenta também diz algo mais. Pensamos na vida espiritual como beleza e paz e fuga da violência. Mas a verdade também é violenta. De facto, é a única violência que existe. O único poder que existe é o poder dessa torrente, porque ela cria o mundo os sentidos. O próprio poder que usamos para pôr um pé à frente do outro vem por trás dos sentidos. Aquilo a que chamamos violência é o que acontece quando nos agarramos a ideias fixas e o poder violento da realidade fica bloqueado. Em última análise não existe nada do “outro mundo” acerca disto. É intensamente prático.

O papel do professor é ajudar o discípulo a acelerar. Mas até que isto tenha sido feito o discípulo não consegue compreender o que o professor é. Essa é a razão por que o aluno tem de ser forçado a um quase estado de insanidade para que possa começar a vê-lo como ele realmente é. Como o professor tenta explicar:

Não sou agora o que fui; nasci na consciência. Este assunto não é ensinado, e não pode ser ensinado através deste nosso corpo fabricado que nos dá o sentido da visão. A minha forma original já não constitui qualquer preocupação para mim. Agora sou incolor; já não posso ser tocado; já não posso ser medido. Sou diferente de tudo isso. Agora, filho, vê-me com os teus olhos. Mas quando olhas para o meu corpo e aparência não percebes o que sou, porque não posso ser visto com esses olhos.

---

<sup>6</sup> Para *ham-dam* ver Michaela Özelsel, *Forty Days* (Brattleboro, Vt.: Threshold, 1996), pág. 127. Para as ligações entre a tradição Hermética e o Sufismo Persa ver acima, nota 4.

O professor Hermético podia ser impiedoso e cruel: aspectos que poderemos preferir esquecer. Contudo a maior parte dos textos Herméticos termina com cantos de devoção e louvor, e a voz que fala através do professor no *Asclepius* é a voz do Amor. Era uma tradição que se preocupava com a transformação, e para a transformação há que pagar um preço. Neste caso o preço era deixarem de ser crianças e tornarem-se verdadeiros homens e mulheres.

© 1997, 2013 Peter Kingsley

Para mais informações acerca de Peter Kingsley  
e a sua obra por favor visite [www.peterkingsley.org](http://www.peterkingsley.org)

---

Tradução: Isabel Gonçalves  
Portugal, Outubro, 2013